

Sondagem dos grupos que performam como palhaços nos hospitais goianos.

Mestranda Roberta Machado Silva
Universidade Federal de Goiás

Doutora Vânia Dolores de Oliveira
Docente na Universidade Federal de Goiás

Uma nova tendência de atuação do clown/palhaço surge no século XX, alguns profissionais saem da lona de conforto, o circo, para a lona de confronto, áreas além do picadeiro, como a rua, comunidades carentes, abrigo de idosos e crianças, hospitais e centros de saúde. A busca da pesquisadora tem o objetivo principal de mapear o contexto goiano das visitas à hospitais. O resumo é um a parte importante do trabalho de mestrado: *Porque palhaço? Performances de grupos que atuam em hospitais de Goiânia*, que está em desenvolvimento. A análise neste texto visa listar, conhecer todos os grupos e levantar suas principais características. Para tanto foi implementado um processo de sondagem que, inicialmente, se deu através de busca nas redes sociais e por contatos/indicações dos grupos já conhecidos. Posteriormente, entrou-se em contato com todos, enviando um questionário base, previamente aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal de Goiás. A pesquisa é qualitativa, de caráter exploratório, feita através de questionário semi-estruturado com questões abertas. Após a resposta os dados foram compilados em uma tabela que revela: o número de participantes, sexo e faixa etária dos mesmos. Além do tempo de existência dos grupos, foi possível perceber quais são mais abertos e receptivos à pesquisa, quais não responderam, seus locais de atuação e público alvo. Também os contatos gerais e nome de seus representantes. Das conclusões tem-se que dos 29 grupos existentes, apenas 25 responderam. No total eles tem 1.431 participantes, cuja maioria está entre 18 e 40 anos, sendo 81% mulheres. Apenas três grupos atendem somente o público infantil. E 96% deles fazem visitas à hospitais, mas além disso também visitam abrigos de idosos e crianças (56%). Apenas um grupo visita aldeias indígenas. Entre os locais mais visitados temos o Hospital das Clínicas e os hospitais infantis. 34% dos lugares visitados são públicos. Os fatos interessantes de análise da pesquisa tramitam entre perceber como está se constituindo a cultura de humanização hospitalar, através da visão imagética dos grupos a respeito deste local da dor (hospital) em contraponto com a imagem alegre e travessa do palhaço; entender a intensidade da potência performativa do palhaço aos olhos do artista goiano; verificar a nova esfera artística e cultural constituída por esta forma de performar; ver o hospital como possibilidade de espaço performativo e artístico; e constatar a forte presença e interesse feminino na arte da palhaçaria.

Palavras chaves: Palhaço, performance, hospitais goianos.

Programa de fomento:



Introdução

Muito tem-se discutido sobre o percurso do palhaço nos dias atuais. Um desses momentos de repensar a palhaçada se dá no encontro Internacional de palhaços *Anjos do Picadeiro*. Neste, não somente, é discutido o trabalho do palhaço, do circo e do picadeiro; como, também, dá origem há uma revista de mesmo nome, a qual tem-se vários artigos a respeito das atuações, da arte, do humor e da palhaçada nacional e mundial. Neste momento tão relevante para a arte é preciso conservar atos e formas de discussões.

Alguns pensadores como Hugo Possolo (palhaço, artista e ativista), nos questiona “a serviço de que está essa palhaçada?” (2007, p.22). Em seguida, ele mesmo responde que os encontros e discussões são necessários para fortalecer o ofício e instruir tantos outros palhaços que ainda estão perdidos no propósito da palhaçada. E que é preciso trazer as pessoas comuns “para o universo do riso e da imaginação, tão necessários quanto água, a loucura e a comida” (2007, p.15). Além de proporcionar um momento no qual nós (palhaços) possamos nos mostrar como seres despidos de nossos estados cíveis e falarmos ao mundo sobre tudo e com franqueza.

Maria Angélica Gomes, artista circense e criadora do Teatro de Anônimo¹, também expressa sua opinião a respeito da importância do palhaço e da arte. Ela fala que “a arte toca no afeto” (2007, p.51) e estabelece a tarefa do palhaço como a de espelhar os erros da humanidade, as fragilidades e ressignificar a vida, através do ato de afetar o outro e de ser afetado pela vida e pelas outras pessoas. Desta forma ele é transgressor e transformador por princípio.

Ana Achcar, palhaça e professora, estabelece que “o público vai ao circo para ver e ser visto” (2016, p.29), esta relação estabelecida entre espectador e palhaço traz à tona a permissividade de ser o que somos (bobos, tolos, infantis, brutos, amantes, sinceros...). Além de conceder ao público um momento de completa fantasia. Ela ainda acresce que “não está fácil para o palhaço” (2016, p. 14) e que eles estão indo muito além do circo em suas atuações e reaparecendo em toda parte. Adaptando-se aos espaços já conquistados pela figura historicamente como o circo, mas também ‘invadindo’ qualquer espaço que seja concedido.

A diversidade da sua presença marca tanto a possibilidade de significar lugares potentes de resistência, enfrentamento, transformação; quanto

¹ Grupo surgido no Rio de Janeiro em 1986. Parte de uma realidade econômica desfavorável e relata principalmente o contexto social de seus componentes. Conheça mais do trabalho em: <http://www.teatrodeanonimo.com.br/grupo>, acessado em 15/08/2019.



reforça o aspecto mercantilista dos eventos risíveis que podem ser consumidos e acumulados, conceder *status* social a quem é engraçado, impulsionar os negócios (ACHCAR, 2016, p.14).

Wellington Nogueira (2005), palhaço e fundador do Doutores da Alegria², diz que “onde for preciso transformação o palhaço vai estar lá”. Ele defende que, no hospital, “o palhaço não é uma coisa só”, fala se referindo as milhares de representações que a figura já tomou ao longo de sua história. Para o autor estamos testemunhando uma nova forma de arte que ampliará o escopo de atuação dos artistas. Os lugares de atuação são, portanto, derivados das necessidades, não somente do artista quando pensamos na urgência da sobrevivência. Mas é inerente à alma do mesmo, voltar-se a outros lugares e buscar seu próprio crescimento e evolução enquanto artista. Além do mais, o palhaço contemporâneo está buscando atuar em locais “onde as pessoas estão em dificuldades, ambientes limites como os hospitais, que são metáforas perfeitas para as crises que a humanidade cultiva” (2005, p.139).

Morgana Masetti (2003), psicóloga e participante dos trabalhos da organização dos Doutores da Alegria, relata que a instituição foi a pioneira nas visitas hospitalares feitas por palhaços no Brasil, seu trabalho iniciou em 1991. Ela diz que a ideia principal é parodiar o médico, figura de maior destaque e representatividade dentro do ambiente hospitalar. A atuação, então, perpassa por receitas escabrosas e irreais, como a transfusão de *milk shake*; e vai até procedimentos avançados como cirurgias de retirada de minhocas na cabeça. O propósito nem sempre é o riso, mas a transfiguração do ambiente, uma suavização do contexto inóspito do hospital.

Desde o início dos trabalhos dos Doutores da Alegria até hoje, muitos outros grupos vêm seguindo essa ‘tradição’. Apesar de aqueles trabalharem com artistas profissionais que recebem para realizar o trabalho, os novos grupos, por vezes, são compostos por mão de obra voluntária. Assim, por todo o país a rede de doutores palhaços vai ganhando peso.

O objetivo primeiro desta pesquisa é, portanto, desvendar o contexto goiano dos grupos que realizam este trabalho de visitas à hospitais se utilizando da imagem do palhaço; quem são, onde atuam, quem os compõe e ‘*outras cositas más*’. Posteriormente, relacionaremos os principais locais de atuação na cidade. E por fim, a análise tentará abrir o maior número de questionamentos possíveis, e/ou traçar direcionamentos para a pesquisa maior, o desenvolvimento do trabalho dissertativo do mestrado que está sendo feito pelas

² Organização não governamental criada em 1991. Tem o propósito de levar a arte do palhaço para hospitais regionais de São Paulo e Recife. Hoje a instituição também promove a formação em palhaçaria para jovens de comunidades carentes e fomenta a instrução de palhaços em todos os lugares, através de palestras e formações de um projeto denominado Palhaços em rede. Conheça mais do trabalho em: <https://doutoresdaalegria.org.br/> acessado em 15/08/2019; as 15h.

pesquisadoras, intitulado: *Porque palhaço? Performances de grupos que atuam em hospitais de Goiânia.*

Dentro desse contexto questionador abrangente contemporâneo sobre que palhaçada é essa; encontra-se mais uma palhaça goiana e também ‘perguntadeira’. Na pesquisa a metodologia escolhida para o primeiríssimo momento é em parte quantitativa, porque é necessário quantificar os grupos e o número de pessoas atuantes em Goiânia, visto que não foi encontrada ainda nenhuma relação atual a respeito. É interessante também saber a relação de gênero, quantos atuantes são homens e mulheres. Existe um movimento de palhaçaria feminina intenso acontecendo no país ultimamente, por isso é relevante perceber isso dentro do contexto goiano. Este movimento tem propiciado vários encontros de mulheres palhaças³, uma publicação regular da revista de Palhaçaria Feminina⁴, e até uma escola de palhaças⁵.

Entretanto, a pesquisa em sua abrangência é qualitativa, e caráter exploratório, feita através de questionário semi-estruturado com questões abertas.

Assim, busca-se estabelecer a abordagem artística na construção do cotidiano goiano. E perceber como a performatividade clownesca dos grupos de voluntários pesquisados está para os locais de saúde da cidade. Pensando que performance é, de uma forma muito generalizada, segundo Schechner (2013) ações que marcam identidades, moldam um tempo, adornam o corpo e contam histórias; por meio de comportamentos restaurados e próprios para serem assistidos por uma determinada plateia. Demarcando comportamentos culturais de épocas e comunidades.

Aplicação do questionário

A primeira etapa do trabalho de campo desenvolvida para a pesquisa de mestrado consistiu em uma sondagem realizada com a finalidade de conhecer um pouco mais dos grupos e dos participantes que realizam este trabalho na capital goiana. Inicialmente procurou conhece-los através das mídias sociais e de indicação dos próprios partícipes. Neste momento foram levantados 29 grupos.

³ Alguns exemplos: Encontro internacional de mulheres palhaças (<https://www.facebook.com/encontrointernacionaldemulherespalhacas/>), Festival palhaças do Mundo (<https://www.facebook.com/palhacasdomundo/>), Encontro Internacional de palhaças na Ilha do Mel (<https://www.facebook.com/pages/category/Performance-Art/II-Encontro-Internacional-de-Palha%C3%A7as-na-Ilha-do-Mel-438202759939440/>), Festival de mulheres engraçadas de Maceió (<https://www.facebook.com/oficialfeme/>) Encontro de mulheres palhaças de Uberlândia (<https://www.facebook.com/ENCONTROMINAS/>), entre outros.

⁴ Revista de Palhaçaria feminina, conheça mais: <http://palhacariafeminina.blogspot.com/>

⁵ Escola de palhaças, conheça mais em: <https://www.facebook.com/escoladepalhacas/>



Listagem de todos os grupos de Goiânia

1	Amor em Movimento	16	Missão Sorriso
2	Arte & Alegria	17	PalhaCia
3	Condutores do Riso	18	Prohumanos
4	Ensinando a Abraçar	19	Promovendo Amor
5	Espalhado Amor	20	Pronto sorriso - UFG
6	Fórmula da Alegria	21	Resgatando Sorrisos
7	Grupo Alegria	22	Semeadores da Alegria
8	Grupo Compaixão	23	Trupcando em Sonhos
9	Grupo Esperança	24	Trupe da Alegria
10	Grupo Euforia	25	Tudo por um sorriso
11	Grupo Sorriso Solidário	26	Liga do Bem
12	Hospitalegres	27	Promovendo Amor
13	Liga Acadêmica do Riso	28	Só risos
14	Liga dos palhaços	29	Fabrica Sorriso
15	Missão Riso		

Tabela 01: Lista dos grupos goianos – Tabela elaborada pelas pesquisadoras

Foi, até então, possível identificar que todos os grupos possuíam redes sociais, alguns mais de uma. Os contatos eram, normalmente, por telefone, e-mail e *Whatsapp*. Todos os grupos goianos trabalham com voluntários. E todos, de uma forma geral, não consideram as ações do palhaço dentro do grupo como profissional, a despeito de terem algumas pessoas que trabalham remuneradamente com isso (fora do grupo), mas quando incluídos prestam serviços aos grupos voluntariamente. Eles, em sua maioria, não se consideram profissionais, porque não estudam para isso, não tem formação técnica no assunto e só o fazem para levar um pouco de alegria para os ambientes hospitalares.

Posteriormente, a esta primeira listagem foi enviado o questionário base, aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal de Goiás,⁶ a todos os grupos por meio de e-mail e depois por rede social *Whatsapp*; sendo este o meio de retorno preferível de todos. Houve uma demora considerável nas respostas da grande maioria chegando a quase um mês de insistência para alguns. As mensagens chegavam e eram visualizadas, mas era preciso insistir no mínimo duas vezes para que fossem respondidas. Percebe-se, portanto, a significância destes aparatos tecnológicos nos processos de mediação de pesquisas.

Três grupos não responderão ao questionário e não rebateram as mensagens de

⁶ O número da inscrição no comitê de ética da UFG é 99475518.7.0000.508.



nenhuma forma, não obstante elas serem enviadas a diferentes participantes do mesmo grupo. Um grupo declinou a participação na pesquisa, infelizmente o de mais tempo de atuação em Goiânia, 21 anos, segundo o site do mesmo.⁷

Grupos que responderam à pesquisa

1	Amor em Movimento	16	Missão Sorriso
2	Arte & Alegria	17	PalhaCia
3	Condutores do Riso	18	Prohumanos
4	Ensinando a Abraçar	19	Promovendo Amor
5	Espalhado Amor	20	Pronto sorriso - UFG
6	Fórmula da Alegria	21	Resgatando Sorrisos
7	Grupo Alegria	22	Semeadores da Alegria
8	Grupo Compaixão	23	Trupcando em Sonhos
9	Grupo Esperança	24	Trupe da Alegria
10	Grupo Euforia	25	Tudo por um sorriso
11	Grupo Sorriso Solidário		
12	Hospitalegres		
13	Liga Acadêmica do Riso		
14	Liga dos palhaços		
15	Missão Riso		

Tabela 02: Lista dos grupos que responderam à pesquisa – Tabela elaborada pelas pesquisadoras

O questionário base aplicado para a coleta de dados foi:

Nome do Grupo ou Instituição:	CNPJ:
Data da Criação do Grupo:	
Número de voluntários totais:	Ativos:
Mulheres:	Homens:
Faixa etária: () Menores () Entre 18 e 30 anos () Entre 18 e 40 anos () Maiores de 40 anos	
Público atendido: () Adulto () infantil () Misto	
Todos os participantes são voluntários? () Sim () Não Quantos não são?	
O grupo utiliza outra Figura além a do palhaço? () Não () Sim Qual(is)?.....	
Quais os nomes dos locais de atuação? Quanto tempo atua em cada lugar?	
O Grupo já atuou em algum outro lugar e não atua mais?	

⁷ Mais informações pelo site: http://saudealegria.com.br/site/?page_id=15, visitado em 15/08/2019 as 15:38h.



É exigido algum Curso de formação, dos participantes? Quais?

Nome(s) do gestor ou pessoas do grupo gestor:

Tabela 03: Questionário de Sondagem – Tabela elaborada pelas pesquisadoras

Descobertas

Todos os dados coletados nos exprimem alguns resultados práticos, por exemplo: os grupos somam um total de 1.431 participantes voluntários, destes 81% (922 pessoas) são mulheres. A grande maioria dos participantes tem entre 18 a 40 anos de idade.

Apenas três grupos focam o trabalho no público infantil, sendo eles: Condutores do Riso, Missão Sorriso e PalhaCia. Os demais atendem ao que chamamos público misto, idosos, adultos, adolescentes e crianças.

Apenas 24% dos grupos são institucionalizados, isto é, são registrados como organizações não governamentais. Os demais são grupos de pessoas que se unem para um determinado fim, que normalmente é um trabalho coletivo em prol do assistencialismo.

Grupos Institucionalizados	Ano de registro
PalhaCia	2014
Prohumanos	2007
Liga Acadêmica do Riso	2011
Grupo Esperança	2014
Ensinando a Abraçar	2014
Arte & Alegria	2010

Tabela 04: Lista de grupos que possuem registro – Tabela elaborada pelas pesquisadoras

Ademais disso, é relevante salientar que apenas 16% dos grupos tem mais de 10 anos de atuação. 36% tem cerca de 5 anos. E a maioria, ou seja, 48% deles operam de 1 a 3 anos. Conclui-se, portanto, que é uma forma de performatividade muito jovem no estado.

Relacionando os fatos, nota-se aqueles que já possuem um registro empresarial, mesmo que este seja sem fins lucrativos, encontram forças para continuarem em atividade não obstante o surgimento constante de novas equipes.

Parece que os agrupamentos concordam com a famosa⁸ frase de Nogueira, “palhaçada

⁸ Famosa, pois todos que trabalham ou são somente interessados na área do trabalho do palhaço que atua em hospital, já ouviu a referência. A frase traz o contraponto da seriedade e responsabilidade em jogo com a brincadeira e riso. Wellington Nogueira, quase sempre, que a coloca imbui o sentido da importância da qualificação na arte da palhaçaria, bem como em técnicas de biossegurança exigidas para a atuação no ambiente hospitalar.



é coisa séria” (2005), pois somente 36% deles não fornecem nenhum tipo de instrução aos participantes quanto a performance nos hospitais. Os demais (64%) fornecem uma formação na qual, segundo eles, é trabalhada tanto a linguagem do palhaço e a concepção e desenvolvimento do mesmo com instruções e iniciação musical e canto. Quanto normas de biossegurança (muitas vezes ministradas pelos próprios hospitais visitados) e introdução as normas de convívio do próprio grupo.

Quanto aos locais visitados os dados coletados apresentam que apenas um dos 25 grupos não visita hospitais. E apenas um deles visita aldeias indígenas. Os demais dividem seus trabalhos em atuações hospitalares, asilos e orfanatos.

Tipos de locais visitados

Aldeias indígenas	Asilos	Orfanato	Hospitais
4%	56%	56%	92%

Tabela 05: Lista de grupos que possuem registro – Tabela elaborada pelas pesquisadoras

Ao se observar a cultura de visitação dos grupos de voluntários goianos percebemos que a grande maioria deles fazem visitas a hospitais. Seria, como relatado por Achacar, porque “o hospital está ordenado espacialmente por uma estratégia separatista, seletiva e impeditiva, com salas inacessíveis (UTI, CTI, centro cirúrgico)” (2016 p.15) e a função do palhaço está na relação, no contato? Ou, porque as condições emocionais dos internos e dos acompanhantes é fragilizada e o contato com o palhaço poderia amenizar isso? Ou ambas as questões?

Ainda segundo a autora, nem sempre o hospital abre bem as portas a este tipo de atuação, “o apaziguamento da sua figura é gradual, muitas vezes imperceptível e confundido com as dificuldades diárias e comuns do ofício” (2016, p.15) relata referindo-se à atuação do palhaço no espaço hospitalar. Acresce, ademais, que com o tempo o hospital já abraça o trabalho e se habitua com o mesmo, e não há mais incomodo ou estranheza. O corpo do palhaço age no espaço e define uma qualidade de relação, pois define uma nova possibilidade e assim pode o ressignificar e minimizando a fragmentação e a restritividade.

O palhaço não se movimenta sobre o espaço, ele está inserido no espaço e essa diferença de abordagem traz uma qualidade presencial para o corpo que é resultante da força de afetar e ser afetado, motivada pela inserção. Quando um palhaço age num determinado lugar do espaço, ele desloca densidade que, além de atingir o outro promovendo interação, interfere diretamente no ambiente, pois atinge também o lugar que o outro pratica, habita, ocupa (ACHCAR, 2016, p.16).

Inicialmente então poderíamos pensar que essa seria a principal função, a de amenizar

o espaço e reintegrar partes tão separatistas do mesmo lugar. Mas ao pensarmos além, o contraponto do riso, motivo pelo qual o palhaço existe; com a baixa das condições emocionais encontradas no hospital, nos parece mais significativas. Não que através do palhaço o riso seja certo, entretanto

É interessante notar como a atuação no hospital desloca o riso que o palhaço produz para além do espectro da reação. No foco do jogo que ele (o palhaço) propõe está o estabelecimento da relação com o outro que nem sempre ri, mas está lá: aqui, agora, de verdade e na urgência da vida que está em risco. (...) Num mundo que nos obriga à felicidade e nos incita ao perfeccionismo, o palhaço nos diz, com toda a sua inadequação, que sofrer também pode ser uma potência; significa que não estamos anestesiados, que nos expomos e nos arriscamos, e que de alguma forma recuperamos a força essencial e transformadora da alegria, quando cessamos a todo custo, literalmente, de evitar a dor (ACHCAR, 2016, p.18-19).

Apesar de apenas três dos grupos goianos terem o foco direcionado ao público infantil, os hospitais com este tipo de paciente possuem um maior número de grupos atuantes. A única exceção é o Hospital das Clínicas de Goiânia, famoso no tratamento de doenças agressivas como o câncer.

Além disso, segundo as visitas dos grupos temos apenas 22 hospitais visitados. Deles, somente, 34% são públicos. Como pode ser percebido na tabela de hospitais e grupos atuantes que se segue. Mas Goiânia possui, segundo a Secretaria Municipal de Saúde⁹, 149 estabelecimentos de saúde pública entre Unidades de saúde Distritais, CAIS (Centro de Atenção Integrada à Saúde), CIAMS (Centro Integrado de Atenção Médica à Saúde), UPA (Unidades de Pronto Atendimento), Centros de Saúde, CSF (Centros de Saúde da Família), Unidades de Atendimento à Saúde Mental, CEO (Centro de Especialidades Odontológicas), entre outros. Além disso a cidade conta com inúmeros outros hospitais particulares que não são atendidos por nenhum grupo.

⁹ Lista de estabelecimentos de atendimento público disponível em:
<http://www.saude.goiania.go.gov.br/html/servicos/unidades/unidadesSaude.shtml>



HOSPITAL	GRUPO
Hospital Jacob	Amor em Movimento
Hospital Gastro Salustiano	Amor em Movimento e Promovendo Amor
Hospital das Clínicas	Condutores do Riso; Pronto Sorriso e Semeadores da Alegria
Hospital Materno Infantil	Grupo Alegria; Liga dos palhaços e Missão sorriso
Hospital Santa Helena	Grupo Alegria
Hospital do Coração	Grupo Alegria
Hospital Santa Casa de Misericórdia de Goiânia	Grupo Alegria e Semeadores da Alegria;
Encore – Cardiologia Intervencionista	Grupo Alegria
Cevam – Centro de Valorização da Mulher	Grupo Arte e Alegria
Hospital Renascente	Grupo Arte e Alegria
Angiologia de Goiânia	Grupo Compaixão
Hospital Infantil de Campinas	Ensinando a Abraçar e Promovendo amor;
Crer- Centro de Reabilitação e Readaptação Dr. Henrique Santillo	Ensinando a Abraçar e Prohumanos
HUGO – Hospital de Urgência de Goiânia	Ensinando a Abraçar
Unid. de Pronto Atendimento Setor Buriú Sereno	Grupo Esperança
Hospital Garavelo	Grupo Esperança
Hospital Beneficência	Fórmula da Alegria
Hospital São Camilo	Fórmula da Alegria
Clínica Terapia Renal Substitutiva TRS	Hospitalesgres
Hemolabor	Hospitalesgres
Hospital da Criança	Resgatando sorrisos; PalhaCia e Tudo por um Sorriso
Hospital e Maternidade Dona Iris	Semeadores da Alegria

Tabela 06: Hospitais x grupos visitantes – Tabela elaborada pelas pesquisadoras

Mas esta seria mesmo a visão dos grupos goianos, destes serem os lugares da dor, onde a vista é necessária? Isso, pode dar ‘pano para manga’, e para não fugirmos demais do assunto, vamos deixa-lo para os estudos de um próximo capítulo dissertativo ou de um novo artigo.

Considerações finais

Com estes dados já é possível fazer algumas considerações importantes e levantar questionamentos relevantes, com: Seria o trabalho voluntário menos relevante que o trabalho diário, no contexto dos grupos de voluntários goianos? Seria a pesquisa irrelevante para os pesquisados? Os participantes (gestores) são muito ocupados? É muito difícil responder o e-mail ou as pessoas não dão mais muita atenção ao e-mail? O trabalho voluntário serve somente aos atos desenvolvidos pelo grupo e as pessoas beneficiadas por estes atos? Ampliar a pesquisa na área de atuação do voluntariado, da arte do palhaço e/ou da atuação em hospitais não é um caminho de interesse dos grupos goianos?



Dos participantes dos grupos 81% são mulheres, está seria uma tendência performativa dos grupos? Ou seria devido a crescente atuação feminina no mercado de trabalho refletida na arte, mais especificamente na palhaçaria?

E mais, nas instituições onde os grupos atuam não seria permitida a atuação de menores de idade? Esta faixa de idade dos 18 aos 40 anos mais especificamente pode representar o que? Pessoas mais ativas no mercado de trabalho também são mais propensas ao voluntariado?

Por ser uma atividade relativamente nova em Goiânia ainda não é viável a institucionalização dos grupos? É muito complexo e/ou caro institucionalizar? Quais seriam as vantagens práticas de ser uma organização não governamental para estes grupos? Existe algum apoio governamental ou municipal para a criação e estabilização destas instituições? A institucionalização restringe o trabalho do grupo? A partir de quanto tempo de atuação torna-se um bom momento para se institucionalizar? A institucionalização é recomendada para que ou para quem?

Dos grupos 64% exigem de seus participantes algum tipo de formação. Esta seria com que finalidade? Ela melhora na qualidade da atuação, como e porquê? Dentre o que é trabalhado na formação dos participantes o que é realmente utilizado? Como os grupos fazem esta formação? É contratado algum professor (palhaço)? Tem algum custo para o grupo e/ou para o participante? Só se pode participar do grupo se participar desta instrução? Onde são realizadas? Depois de se passar por esta formação são todos palhaços?

Dos locais visitados: as aldeias indígenas são mais fechadas a visitação de palhaços, por isso menos visitadas? São mais distantes? Possuem difícil acesso? Porque não há tanta visitação? Dos abrigos e orfanatos: como se dão as visitas, são apresentados números? Existe alguma regulamentação específica?

E por fim, das visitas em hospitais. Como é dada a escolha do hospital? Eles representam realmente os lugares da dor da cidade? Locais de atendimento rápidos como prontos socorros não tem tanta visitação, porquê? Existe muita burocracia para se atuar em hospitais e em unidades de atendimento públicos? O foco dos grupos não se volta para as unidades de atendimento?

Os fatos interessantes de análise da pesquisa tramitam entre perceber como está se constituindo a cultura de humanização hospitalar, através da visão imagética dos grupos a respeito deste local da dor (hospital) em contraponto com a imagem alegre e travessa do palhaço. E entender a intensidade da potência performativa do palhaço aos olhos do artista goiano, verificar a nova esfera artística e cultural constituída por esta forma de performar,



ver o hospital como possibilidade de espaço performativo e artístico e constatar a forte presença e interesse feminino na arte da palhaçaria.

Robson Camargo (2003) coloca que para percebermos os conceitos das performances culturais devemos entendê-lo como um plural com diferentes abordagens metodológicas. De forma comparativa e em suas múltiplas determinações concretas para que ela não seja vista apenas sob o olhar puro de uma determinada performance. Por isso, é preciso verificar também o processo de desenvolvimento que estas ações performáticas tem seguido, bem como, suas possíveis contaminações. Assim sendo, buscamos o entendimento das culturas do voluntariado e do palhaço impregnadas neste contexto hospitalar que nos propusemos estudar; o analisando na forma dos números e questionamentos até então estudados. Pois, desta forma podemos perceber as performances culturais do voluntário/palhaço goiano e “[...] como o homem¹⁰ as elabora, as experimenta, as percebe e se percebe, sua gênese, sua estrutura, suas condições e seus vir a ser” (2013, p.2).

As performances culturais, ainda segundo Camargo (2003), focam na produção cultural humana e a compara buscando entender outros costumes, seus diálogos, sua concretização como agente da tradição; no entendimento que seus elementos constroem de si mesmos. Por isso, é importante buscar o conhecimento do fenômeno a partir não só do estudo do mesmo, mas do ponto de vista do participante.

O que pudemos perceber é que a cultura do voluntariado em forma de palhaçaria ainda é muito jovem e está mesclada com outras formas de performatividade, como ações assistencialistas, religiosas, teatrais, dentre outras. Os números mostram também que é uma atividade em franca expansão e que há muito espaço para crescimento. E que a pesquisa científica ou não é necessária para levantar mais questionamentos e direcionar os trabalhos. Não somente, instruir os participantes e a comunidade da importância do trabalho e os direcionar como diz Possolo (2007), mas, principalmente, abrir questionamentos sobre como esta sendo feita essa palhaçada, a quem ela serve e para que. E se lugar de palhaço é onde é preciso transformar, que transformemos todos os espaços e façamos do riso solto nosso palco.

Referências

ACHCAR, Ana. **Palavra de Palhaço**. 1. ed. Rio de Janeiro - RJ: Jaguatirica, 2016.

¹⁰ Camargo aqui refere-se ao homem como ser humano de forma geral.



CAMARGO, Robson C. De. **Milton Singer e as Performance Culturais: um conceito interdisciplinar e uma metodologia de Análise**. Castetala, v. 6.1, p. 1–27, 2013.

DOUTORES DA ALEGRIA. Doutores da Alegria, 1991. Institucional. Disponível em: <http://www.teatroanonimo.com.br/grupo>, acessado em 15/08/2019.

ESCOLA DE PALHAÇAS. Escola de palhaças, 2017. Página de Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/escoladepalhacas/>, acesso em 15/08/2019.

ENCONTRO INTERNACIONAL DE MULHERES PALHAÇAS. Encontro Internacional de mulheres palhaças, 2015. Página de Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/encontrointernacionaldemulherespalhacas/>, acessado em 15/08/2019.

ENCONTRO DE MULHERES PALHAÇAS DE UBERLÂNDIA. Encontro de mulheres Palhaças de Uberlândia (MINAS), 2017. Página de Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/ENCONTROMINAS/>, acesso em 15/08/2019.

ENCONTRO INTERNACIONAL DE PALHAÇAS DA ILHA DO MEL. Encontro Internacional de palhaças da Ilha do Mel, 2017. Página de Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/category/Performance-Art/II-Encontro-Internacional-de-Palha%C3%A7as-na-Ilha-do-Mel-438202759939440/>, acessado em 15/08/2019.

FESTIVAL DE MULHERES ENGRAÇADAS DE MACEIÓ. Festival de mulheres engraçadas de Maceió (F.E.M.E.), 2018. Página de Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/-/oficialfeme/>, acesso em 15/08/2019.

FESTIVAL PALHAÇAS DO MUNDO. Festival palhaças do mundo, 2008. Institucional. Disponível em: <https://www.palhacasdomundo.com/programacao-do-festival-1>, acessado em 15/08/2019.

GOMES, Maria Angélica. **Oficina nos Anjos: Reflexões**. Revista Anjos do Picadeiro 6, p. 13–19, Dez 2007.

MASETTI, Morgana. **Boas Misturas: a ética da Alegria no Contexto Hospitalar**. 01. ed. São Paulo SP: Palas Athena, 2003.

NOGUEIRA, Wellington. **Doutores da Alegria - O lado invisível da vida**. 01. ed. São Paulo SP: Gráfica Mixer, 2005.

POSSOLO, Hugo. **Até os palhaços se acomodam**. Revista Anjos do Picadeiro 6, p. 21–25, Dez 2007.

REVISTA DE PALHAÇARIA FEMININA. Revista de Palhaçaria feminina, 2016. Blog da Revista de Palhaçaria Feminina. Disponível em: <http://palhacariafeminina.blogspot.com/>, acesso em 15/08/2019.

SCHECHNER, Richard. **What is performance studies?** Rupkatha Journal on Interdisciplinary Studies in Humanities. [S.l.: s.n.], 2013

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE. Secretaria Municipal de Saúde de Goiás.



Serviços e unidades de atendimento. Disponível em:
<http://www.saude.goiania.go.gov.br/html/servicos/unidades/unidadesSaude.shtml>, acesso em 15/08/2019.

TEATRO DE ANÔNIMO. Teatro de Anonimo, 1986. Grupo de teatro. Disponível em:
<http://www.teatroanonimo.com.br/grupo>, acessado em 15/08/2019.